

ARQUITETURA ECLÉTICA DE PELOTAS: FOTOGRAFIA E EDUCAÇÃO INFORMAL PARA PROMOVER REFLEXÕES SOCIAIS

HAMILTON OLIVEIRA BITTENCOURT JUNIOR¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – hamilton.bittencourt@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – clauummattos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esse resumo propõe apresentar a pesquisa, ainda em caráter inicial, de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPEL — Linha de pesquisa: Educação em Artes e Processos de Formação Estética — sob orientação da Prof^a. Dr^a. Cláudia Mariza Mattos Brandão, com auxílio mediante bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Cabe também destacar que a investigação é desenvolvida no âmbito do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPEL/CNPq).

O estudo visa discutir o fazer fotográfico usando, como matéria-prima, elementos da arquitetura histórica da cidade de Pelotas/RS, patrimônio urbano que se constituiu principalmente a partir da segunda metade do século XIX até o início do século XX, por um estilo de arquitetura conhecido como eclético (Patetta, 1987) e (Santos, 2011). São discutidos conceitos fotográficos, históricos, arquitetônicos, patrimoniais e sociais, com o objetivo de contextualizar o estilo arquitetônico, o lugar e tempo onde se deu esse desenvolvimento urbano, problematizando as implicações sociais e econômicas que propiciaram essa urbanização no sul do Brasil.

É sabido que esse patrimônio, de fato a própria fundação da cidade, se deve às charqueadas, as quais funcionavam com base na mão-de-obra escravizada. Então, a riqueza desse período, da expansão urbana de Pelotas, todo patrimônio histórico que podemos testemunhar ainda hoje, é fruto do sofrimento de uma população que foi trazida a força, o povo negro.

Com essas considerações iniciais a pesquisa já sofre um atravessamento pela questão social que se apresentou a partir desses apuramentos, isso precisa ser discutido de forma séria: Como abordar a discussão? Como promover reflexões a partir da arte fotográfica, assim educando informalmente o espectador e despertando o olhar crítico?

O objetivo geral é discutir o processo, pela ótica acadêmica em artes, utilizando a metodologia autobiogeográfica (Rodrigues, 2017 e 2021), através da qual o papel de pesquisador e artista é situado nesse espaço e contexto à medida que produz as imagens e desenvolve a condução da tese, a fim de problematizar o simbólico representado pela arquitetura eclética de Pelotas, suas implicações sociais excludentes e colonialista, e a perspectiva de uma reflexão crítica a respeito desse patrimônio e suas origens.

2. METODOLOGIA

No momento que me refiro como pesquisador e artista participante situado em um determinado espaço físico e repleto de repertório artístico e de história de vida,

busco desenvolver a tese com o uso de uma metodologia autobiogeográfica, na qual o autor se posiciona biograficamente e se localiza geograficamente a medida que desenvolve a pesquisa e a obra, trazendo sua visão de mundo alicerçada pela experiência estética.

No espaço autobiogeográfico em construção temos aprendido, sobretudo, a cavar. Não para encontrar algo que esteja ali enterrado, mas para mover, aerar, descompactar o solo. Revolver topografias. Modificar paisagens. “Volver” significa dirigir-se para uma outra direção, voltar-se, virar-se para outros lugares. Lugares de onde possamos semear outras perguntas para a escola, para a universidade, para o museu, para o arquivo, para a história, para a arte e para a auto/biografia (Rodrigues, 2021, p. 164).

Para questionar a história de forma diferente, apurar os fatos que ficaram relegados por uma historicidade hegemônica, é necessário revirar conceitos pré definidos, dessa maneira proporcionando uma perspectiva decolonial sobre os fatos. É necessário cavar mais fundo nessa narrativa que é contada e repetida ao longo do tempo.

Nesse processo, ao se tornar consciente de suas próprias singularidades auto- bio- geo- gráficas, o sujeito da experiência, da desaprendizagem e da criação transforma não apenas o conteúdo, mas também as condições nas quais se dão as conversas epistemológicas das quais decide participar (Rodrigues, 2017, p.3154).

Nas artes e na arte/educação não existe uma posição neutra, é a partir das experiências do artista educador — vivências e repertório estético — que se conduz a discussão do mundo em que estão inseridos os educandos e si mesmo. Portanto, entendo que instigar a reflexão a partir da prática fotográfica, dos exercícios de contemplação, possibilita a experimentação consciente e a inserção social.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ideia inicial partiu basicamente pela questão plástica, o que interessava era a questão visual somente, mas como a matéria-prima visual para o trabalho fotográfico parte do patrimônio arquitetônico, iniciou-se pela pesquisa do contexto econômico e social da época em que a urbanização da cidade se expandiu impulsionada pela manufatura do charque.

Quem é natural ou vive a um certo tempo na cidade de Pelotas, por muitos anos escuta a mesma velha história: dos charqueadores, coroneis, barões, viscondes — sendo esses dois últimos títulos nobiliárquicos (Magalhães, 1993) — ricos que enviaram os filhos para estudar na Europa, de como construíram seus palacetes a ponto de compararem Pelotas como uma “pequena Paris”, como importaram bens e costumes do velho continente, todo esse desejo de viver à francesa, como se a *Belle époque* fosse aqui (Fabris, 1993) e (Vargas, 2016).

Para qualquer pessoa mais atenta socialmente, incomoda ver que o papel da comunidade negra tenha sido relegado e inclusive sofrido apagamento histórico durante todos esses anos que se sucederam desde aquela época, que recém nos últimos anos têm passado por uma revisão histórica. Além disso, todo o sofrimento da população escravizada naquele período, que é possível constatar através das

pesquisas de Peter (2007), e desigualdade social resultante de tal economia (Vargas, 2012).

Depois da abolição da escravatura, buscou-se um ideal de civilidade e modernidade baseado no caso Francês, tudo que lembrava o período escravista — todas as atrocidades — foram “convenientemente” deixadas ao esquecimento. Nesse sentido, Pelotas também tentou se “civilizar”, se desvincular da imagem e do fedor dos restos de gado abatido, mesmo assim não conseguiu encobrir a cicatriz social causada pela exploração escravista.

É preciso consciência, reconhecimento e valorização da participação negra na constituição dessa cidade, afinal de contas foi com o sangue e o suor desses trabalhadores que Pelotas foi erguida, tanto no aspecto econômico quanto de mão-de-obra.

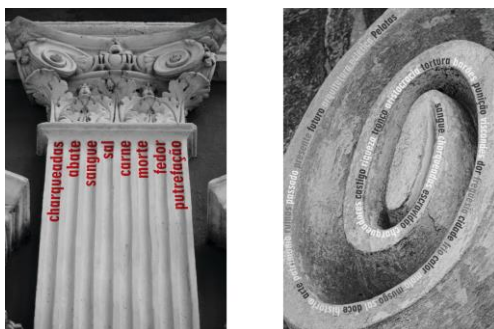


Figura 1: Estudos e teste de trabalhos. Texto sobre fotografia digital, 2025. Fotografias e composições: Hamilton Bittencourt.

Na figura 1, trago alguns testes visuais, ainda pensando como traduzir graficamente todas as questões abordadas até aqui.



Figura 2: *Em cada detalhe...* (série), Hamilton Bittencourt, fotografia digital, impressão inkjet, papel luster A3. Exposição Dobradiça do PPGARTES, Galeria do Centro de Artes UFPEL, 2025. Foto: Hamilton Bittencourt.

Não é possível ver na figura 2 reduzida aqui, mas nas fotografias impressas em tamanho A3, o texto e algumas perguntas buscam suscitar no espectador uma reflexão crítica a partir do que vêm nas imagens.

4. CONCLUSÕES

Essa pesquisa encontra-se na etapa inicial, sem ainda ter passado pela banca de qualificação. O estudo e a poíesis encontram-se em uma fase de modificação daquilo elencado no pré-projeto. O trabalho que começou muito mais calcado na plasticidade visual, veio a tomar um caráter denunciativo. O desafio será

justamente dar a ver, através das imagens e a discussão sobre seu fazer, a questão do apagamento sistemático da representatividade negra na contribuição no patrimônio pelotense, e então trazer à tona o reconhecimento e conscientização sobre seu importante papel na formação da cidade de Pelotas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. In: **Anais do Museu Paulista: História e cultura material**. Nova Série Nº 1 São Paulo: USP, 1993.

MAGALHÃES, Mario Osorio. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas. (1860/1890). Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1993.

PATETTA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa. **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel/USP, 1987. p. 13.

PETER, Glenda Dimuro. **Vitruvius**. Influência francesa no patrimônio cultural e construção da identidade brasileira: o caso de Pelotas. Arqtextos, São Paulo, ano 08, n. 087.07, ago. 2007. Online. Disponível em:
<<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/08.087/222>>.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Autobiogeografia como metodologia decolonial, In: **Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, 26, 2017, Campinas. Anais eletrônicos... Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p. 3148-3163. Disponível em:
<http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro_RODRIGUES_Manoela_dos_Anjos_Afonso.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2025.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. O espaço autobiográfico em construção. **PARALELO 31**, v. 1, p. 138-167, 2021. Disponível em:
<<https://periodicos-old.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/22533>>. Acesso em: 7 jun. 2025.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo em Pelotas**. O ecletismo historicista em Pelotas: 1870-1931. 2011. Online. Disponível em:
<<https://ecletismoempelotas.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/05/o-ecletismo-historicista-em-pelotas-1870-1931.pdf>> Acesso em: 14 ago. 2025.

VARGAS, Jonas M. "A aristocracia do sebo" Riqueza, prestígio social e estilo de vida entre os charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, 1850-1890). **Estudios Históricos** -CDHRPyB-Año VIII, Diciembre 2016, Nº 17, p. 1-23

VARGAS, Jonas Moreira. De charque, couros e escravos: a concentração de riqueza, terras e mão-de-obra em Pelotas (1850-1890). **Saeculum** - Revista de História, João Pessoa. 2012.